

Herança da Dívida, Procrastinação do Desejo e Suas Possíveis Relações Com a Inscrição da Lei na Neurose Obsessiva

Inheritance of Debt, Procrastination of Desire and Possible Relationship With The Registration of Law in Obsessional Neurosis

Eduardo Silva Taveira ¹ Henrique Riedel Nunes ²

Resumo

Mediante as investigações que Lacan elabora acerca da neurose obsessiva, em decorrência da obra shakespeariana, *Hamlet*, algumas questões podem nos fomentar reflexões interessantes. Este trabalho surge a partir de proficuas investigações realizadas no campo da Neurose Obsessiva e no âmbito de pesquisas que visavam o esclarecimento teórico e clínico das dificuldades que usualmente emergem no tratamento dessa neurose. Assim, um fecundo caminho a ser seguido para abordar esse assunto diz respeito à herança da dívida simbólica em vistas da maneira em que o obsessivo dirige seu desejo e fantasia inconscientes ao Outro e a forma como o obsessivo mantém insatisfeito seu desejo constituente. Caminho que deverá ser percorrido à luz daquilo que brilhantemente é capaz de nos fazer testemunhar o psiquismo: uma obra literária, mais especificamente, a obra *Hamlet* de Shakespeare. São estes os termos que dão relevância aos resultados deste trabalho uma vez que tal passo nos permite avançar clinicamente no tratamento da neurose obsessiva e nos fornece maiores elementos à investigação do assunto no campo da literatura psicanalítica.

Palavras-chave: Neurose obsessiva; estrutura; desejo; *Hamlet*; Homem dos Ratos

Abstract

Through the investigations that Lacan elaborates on the obsessional neurosis, due to the Shakespearean tragedy, *Hamlet*, some aspects may evidence to us interesting reflections. This work comes from fruitful investigations in the field of Obsessional Neurosis and within researches that aimed to clarify the theoretical and clinical problems that usually arise in the treatment of neurosis. Thus, an interesting way forward to look at this issue concerns on the inheritance of symbolic debt, considering the way with the obsessive drives his desire and his unconscious fantasy to Other, and the way the obsessive remains unsatisfied his constituent desire. This path should be traversed using a feature that brightly is able to make us witness the psyche: a literary text, more specifically, the Shakespeare's tragedy *Hamlet*. These are the terms that give relevance to the results of this study since this step allows us to advance clinically and in the treatment of obsessional neurosis and provides further evidence to research the subject in the field of psychoanalytic literature.

Keywords: Obsessional neurosis; structure; desire; *Hamlet*; Rat Man.

Recebido em 5 de setembro de 2012
Aprovado em 9 de outubro de 2012
Publicado em 28 de dezembro de 2012

INTRODUÇÃO

As considerações que serão aqui apresentadas só se fizeram possíveis diante de um extenso trabalho desenvolvido no decorrer de dois anos de pesquisa que se concluiu no período de 2012.1, processada-se na Universidade Federal do Ceará e fora incentivado pelo projeto PIBIC-CNPq e PIBIC-UFC. Tal pesquisa versa acerca dos obstáculos estruturais na clínica da neurose obsessiva e contou com a coordenação e orientação da professora Dra. Laéria Fontenele. Além disso, devemos ressaltar os estudos desenvolvidos durante a formação básica junto à escola de psicanálise Corpo Freudiano - Seção Fortaleza, bem como mediante a alguns estudos decorrentes de outras atividades. Dos assuntos suscitados pela referida pesquisa, caberá ao presente trabalho tecer considerações acerca das temáticas: estruturação obsessiva, herança da dívida e desejo insatisfeito, para nos questionarmos, assim, acerca da Lei na neurose obsessiva.

Dessa maneira, mediante as investigações que Lacan elabora acerca da neurose obsessiva, em decorrência da obra shakespeariana, *Hamlet*, algumas questões podem nos fomentar reflexões oportunas sobre o tema. Tais questões são pertinentes uma vez que nos permitem abordar, de um ponto de vista privilegiado, alguns aspectos relativos ao tema que será tratado aqui. Assim, um fecundo caminho a ser seguido para abordar esse assunto diz respeito à herança da dívida simbólica em vistas da maneira em que o obsessivo dirige seu desejo e fantasia inconscientes ao Outro e a forma como o obsessivo mantém insatisfeito seu desejo constituinte. Caminho que deverá ser percorrido à luz daquilo que brilhantemente é capaz de nos fazer testemunhar o funcionamento psíquico: uma obra literária, mais especificamente, a obra *Hamlet* de Shakespeare. Para abordar esse assunto, foram necessárias, ain-

da, investigações bibliográficas em torno de algumas obras de Jacques Lacan, a saber, Seminário 4, que trata sobre a relação de objeto, Seminário 5, acerca das formações do inconsciente, Seminário 6, para tratar acerca do desejo e sua interpretação e, por fim, a obra *O Mito Individual do Neurótico*, do mesmo autor.

O SUJEITO OBSESSIVO: O DESEJO, A DÍVIDA E O OUTRO

Desde já, cabe destacar aqui que ao se dirigir ao Outro para indagá-lo acerca da verdade da verdade, por esta estar ausente no sujeito, o neurótico obsessivo encontra, como resposta, igual ausência de significante a esse fim por parte do Outro, o qual é, portanto, castrado, na forma de dívida simbólica, fato que coloca o sujeito em *fading* do seu ser (Lacan, 1958 -1959 /2002). Isto é, em profundo luto pela morte de seu pai, em plena ausência de significante que permita elaborar sua perda, Hamlet se depara com o espírito deste que se apresenta em resposta ao seu luto como uma ausência de significante. Ausência de significante uma vez que se trata do espírito de um homem que sofre por ter sido morto, que sofre por não ter tido sua morte vingada e que sofre por ter perdido a vida pelas mãos de seu próprio irmão. O pai de Hamlet é incapaz de conceder a seu filho a verdade da verdade, incapaz de dizer o significante que defina seu ser, o espírito de seu pai é igualmente privado do falo, isto é, o pai de Hamlet é também castrado. Ora, quando indaga ao espírito de seu pai acerca da verdade da verdade, Hamlet encontra um espírito sofrido e que precisa ser vingado, Hamlet encontra uma dívida simbólica que o espírito do seu pai não pode pagar.

Aqui também vemos o Outro revelar-se sob a forma mais significativa como um A barrado. Não é apenas

da superfície dos vivos que ele é riscado, é de sua justa remuneração. Ele entrou com o crime no domínio do inferno, quer dizer uma dívida que ele não pôde pagar, uma dívida inexpiável, diz ele. E é bem isso o sentido mais terrível e angustiante de sua revelação para seu filho. (Lacan, 1958 -1959 /2002, p. 364)

Tais dados não são nada menos do que claras evidências da maneira em que se estrutura uma neurose obsessiva, pois uma vez que a dívida é herdada, estão postos os termos para o desejo inconsciente do obsessivo se estruturar. Da mesma forma como em Hamlet, o mito individual do paciente de Freud, o Homem dos Ratos, é-nos capaz de demonstrar com igual riqueza clínica que existem duas fases que correspondem a duas gerações diferentes: a primeira faz referência à geração do pai e a segunda diz respeito à própria história do Homem dos Ratos. Apesar de ser marcado por uma transformação, existem aspectos invariantes de uma geração para outra. O conflito mulher rica/mulher pobre, por exemplo, está presente nas duas gerações do referido caso clínico. A dívida impagável permanece como ponto central que liga também as duas histórias.

Entretanto, Hamlet não será capaz de pagar por saber sobre a real causa da morte de seu pai, pois ele não está disposto a pagar com o próprio Eu e, assim, aproximar o obsessivo de seu desejo é direcioná-lo a uma sorte de empecilhos. (Lacan, 1957 -1958/1999). Empecilhos que o lançarão em uma série de hesitações, pois

Hamlet [...] não pode suportar o encontro. O encontro é sempre demasiadamente cedo para ele, e ele o retarda. Esse elemento da procrastinação não pode, de nenhuma maneira [...] ser descartada, a procrastinação permanece uma das di-

mensões essenciais da tragédia de Hamlet. (Lacan, 1958 -1959 /2002, p. 341)

Sua questão, nada histérica, não é se defender do próprio desejo e mantê-lo insatisfeito pondo-se a si mesmo como maior obstáculo para encontrar suas vias de fato, pois a histérica “é o obstáculo, é ela que não quer.” (Lacan, 1958 -1959 /2002, p. 454). A questão de Hamlet é saber a hora certa de pagar, o que o lança numa eterna condição de impossibilidade e deflagra uma incessante procrastinação. Portanto, ele hesita, isto é, sua questão não é *o que eu quero?*, sua questão é na verdade uma questão de temporalidade, o que Hamlet se questiona deverá ser então, *quando eu quero?*, ou melhor ainda, *quando o Outro quer?*. Dito de outro modo, Lacan nos oferece outro dado para questionar essa hesitação, ele diz: “Ora, parece bem que seja aí o ponto em torno do qual gravita e hesita a ação de Hamlet.” (Lacan, 1958 -1959 /2002, p. 373). Esse ponto se refere ao que se processa toda vez que Hamlet tem a chance de matar Cláudio, mas não o faz. Então,

[...] esse tipo de flutuação diante do objeto a atingir, esse lado incerto do que há a atingir, é aí que está o motor mesmo do que faz desviar a todo instante o braço de Hamlet, justamente esse laço narcísico que nos fala Freud (Lacan, 1958 -1959 /2002, p. 374).

São então essas as condições em que Hamlet se mantém vivo, isto é, são esses os termos em que o obsessivo dá expressão àquilo que o desvia da morte e pelos quais seu desejo se mantém. Deste modo, o que está em questão é o fato de o desejo do obsessivo só poder ser realizado quando se comporta a destruição do Outro e, conseqüentemente, é na medida em que isso não se concretiza que o desejo encontrará sua manutenção (Lacan, 1957

-1958/1999). Ora, é exatamente mantendo a hora do encontro à distância que o obsessivo mantém seu desejo impossível, de uma maneira tal que esse sujeito “[...] antecipa sempre tarde demais.” (Lacan, 1958 -1959 /2002, p. 333).

Então ele sabe, Hamlet sabe que o que quer é a morte do Outro em expiação da dívida de seu pai. Pois, “É certo que o obsessivo tende a destruir seu objeto.” (Lacan, 1957 -1958/1999, p. 412). Lacan nos expõe o fato de que quando se aborda o desejo enquanto tal, em sua constituição, o dito desejo puro, a destruição do Outro é implicada na neurose obsessiva (Lacan, 1957 -1958/1999). E o que Hamlet quer, uma vez dispostos os personagens desse drama edipiano, é matar seu tio Cláudio. Mas não faz, ele hesita porque encontra ali um laço narcísico, pois “Não se pode atingir o falo, porque o falo, mesmo se ele está aí belo e bem real, é uma sombra.” (Lacan, 1958 -1959 /2002, p. 374).

Dessa maneira, ele está à espera de algo que o diga que aquele é o momento para pagar a dívida, ele apenas espera a hora do Outro. E assim o desejo de Hamlet é mantido insatisfeito até quando não há mais fichas para se jogar, até quando seu Eu não está mais em questão. É aqui que nos reportamos mais uma vez ao fato de ele não querer pagar com o próprio Eu. O obsessivo se coloca no jogo de tal modo que não deverá ser capaz de responder pelo seu desejo, remetendo ao acaso o ensejo para as vias de fato do próprio desejo, isto é, ele se coloca “[...] fora do jogo.” (Lacan, 1958 -1959 /2002, p. 455). E é exatamente essa compreensão psicanalítica que a obra shakespeariana brilhantemente nos oferece. É com, e por meio de, seu Eu que o obsessivo se defende contra seu desejo e isso se dá de tal modo que somente quando seu tão precioso Eu não está mais em questão que Hamlet dá cabo a dívida de seu pai, ou seja, a hora da verdade só se dá, na tragédia shakespeariana, quando o personagem está ferido mortalmente.

Outro aspecto que merece ser tratado aqui se refere à instância do supereu, pois é através de sua dinâmica que se evidencia a referência à *nostalgia do pai*. Como nos diz Gerez-Ambertín: “É um poder que cunha marcas traumáticas de um excesso de gozo ao mesmo tempo em que proíbe de se satisfazer nele” (Gerez-Ambertín, 2009, p. 222). Tal dinâmica se dá de uma forma na qual o Pai Morto “[...] ainda goza.” (Gerez-Ambertín, 2009, p. 222). Esta figura se presentifica em *Hamlet* com o aparecimento do *ghost*. Ora, o *ghost* aparece como uma encarnação da ordem superegóica. E o que percebemos ao longo da tragédia é que, graças à sua condição desejante, Hamlet *vagabundeia* em relação aos comandos do *ghost*. (Lacan, 1958 -1959 /2002).

No caso do Homem dos Ratos, novamente nos deparamos com tal *nostalgia do pai* em sua história. Ora, quando Gerez-Ambertín nos diz que “o supereu da criança se edifica sobre os pecados do pai”, (Gerez-Ambertín, 2009, p. 222, grifo do autor), não seria natural que tal frase nos remetesse a qualquer outra coisa senão à herança da dívida na história de Ernest Lancer. Lacan explana tal problemática em sua obra “O mito individual do neurótico” (Lacan, 1953/1987), como citado anteriormente. Toda a questão se dá de uma maneira tal que o sujeito se vê numa estrutura mítica, pela qual seu pai já passou. Sabemos que pai de Ernest era um jogador e que acumulara uma dívida devido às apostas. Sabemos também que um de seus amigos liquidou esta dívida a troco de nada e, o que se configura como um fator importante, não houve mais notícias de tal amigo. Há, portanto, uma dívida a ser paga. Dívida esta que ganha representação na querela dos óculos de Ernest. E ele negocia aprontando todo um sistema para que a dívida real coincidissem com a dívida simbólica, assim como Hamlet *vagabundeia* em relação às ordens do *ghost*. Esta querela acaba corroborando para a infinitude da dívida simbólica em questão, isto é, há a prevalência

dos pecados do pai. Não podemos deixar de mencionar que no relato do obsessivo em questão, havia a expectativa por parte do analisando de que o fantasma de seu pai aparecesse. Algo que poderia ser concebido com uma materialização da ordem insensata, tal como aconteceu literalmente em *Hamlet*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante disso, nos cabe questionar: qual imperativo que submetia qualquer ação de Hamlet diante de seu tio a toda sorte de hesitações? O que estava aí pondo termos ao seu desejo e o levando a se manter eternamente insatisfeito? Será, portanto, esse a ensejo que as questões levantadas até aqui nos conferirão para refletir acerca da maneira em que a lei se inscreve e se faz presente no psiquismo, mantendo o desejo do obsessivo insatisfeito e o colocando nas regras de um jogo em que ele não é capaz de apostar seu próprio Eu.

REFERÊNCIAS

- Gerez-Ambertín, M. (2009). *As vozes do supereu*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud.
- Lacan, J. (1987). *O mito individual do neurótico*. Lisboa: Assírio e Alvim. (Original de 1953).
- Lacan, J. (1995). *O seminário, livro 4: a relação de objeto*. Rio de Janeiro: Zahar. (Original de 1956 -1957).
- Lacan, J. (1999). *O seminário, livro 5: as formações do inconsciente*. Rio de Janeiro: Zahar. (Original de 1957 -1958).
- Lacan, J. (2002) *O desejo e sua interpretação: seminário*. Publicação não Comercial de circulação interna da associação Psicanalítica de Porto Alegre. (Original de 1958 - 1959).
- Lacan, J. (2010). *O seminário, livro 8: a transferência*. Rio de Janeiro: Zahar. (Original de 1960 - 1961).

¹ Estudante da graduação em Psicologia pela Universidade Federal do Ceará e membro do Corpo Freudiano Escola de Psicanálise – Seção Fortaleza. Endereço: Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades Departamento de Psicologia/ Laboratório de Psicanálise da UFC. Avenida da Universidade, 2762. Benfica60020-080 - Fortaleza, CE – Brasil. e-mail: ufcfreud@terra.com.br

² Estudante da graduação em Psicologia pela Universidade Federal do Ceará e membro do Corpo Freudiano Escola de Psicanálise – Seção Fortaleza. Endereço: Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades Departamento de Psicologia/ Laboratório de Psicanálise da UFC. Avenida da Universidade, 2762. Benfica60020-080 - Fortaleza, CE – Brasil. e-mail: ufcfreud@terra.com.br